



O EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE WALTER BENJAMIN E A PROPOSIÇÃO DA INFÂNCIA COMO UMA CATEGORIA PERMANENTE NA VIDA HUMANA

Beatriz Menegaz¹

Resumo: Este estudo propõe pensar o empobrecimento da experiência sob a ótica de Walter Benjamin, na perspectiva do filósofo alemão, esse declínio gradativo da experiência, dificulta a tradição coletiva narrativa, de comunicação e de construção de memórias. Em meio a tal proposição, Benjamin, enxerga na criança, a resistência diante do avanço da alienação que compromete a realização da experiência. Isso porque, a criança desenvolve alegorias e busca descobrir no negado, o exercício de brincar e descobrir o mundo. A infância deve ser considerada, nesse sentido, uma categoria permanente, para além do sentido cronológico/fisiológico, e que por assim ser, atingiria a permanência ao longo da vida humana. A grandeza da vida humana pensada nessa dimensão, distancia-se do declínio e empobrecimento da experiência, e aproxima-se gradativamente do florescimento da imaginação e da estética sensível de ver a vida. Por isso, a ideia central do pensamento benjaminiano transpassa a infância e faz pensar em uma fase permanente, constitutiva da vida humana.

Palavras Chave: Infância – Experiência – Walter Benjamin

Abstract: This study proposes to think about the impoverishment of experience from the perspective of Walter Benjamin, from the perspective of the German philosopher, this gradual decline of experience, hinders the collective tradition of narrative, communication and construction of memories. In the midst of such a proposition, Benjamin sees in the child resistance to the advance of alienation that compromises the realization of the experience. This is because the child develops allegories and seeks to discover in the denied, the exercise of playing and discovering the world. Childhood should be considered, in this sense, a permanent category, beyond the chronological/physiological sense, and which, therefore, would achieve permanence throughout human life. The grandeur of human life, thought of in this dimension, distances itself from the decline and impoverishment of experience, and gradually approaches the flowering of imagination and the sensible aesthetics of seeing life. Therefore, the central idea of Benjamin's thought goes beyond childhood and makes one think of a permanent phase, constitutive of human life.

Keywords: Childhood. Experience. Walter Benjamin

INTRODUÇÃO

Em Benjamin, a perda gradativa da capacidade de intercambiar experiências e de construir memórias representa a perda da tradição coletiva de narrar e de comunicar. Esse declínio intervém diretamente na construção da infância, pois em meio à modernidade, a criança passa pela alienação da linguagem e pela convivência com o indivíduo solitário e manipulável, além da imposição advinda dos adultos e da indústria. Sob a ótica de Benjamin, mesmo em contato com esse declínio gradativo da experiência, a criança ainda é um sujeito que, imerso

¹ Mestre em Educação. Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio da Escola de Educação Básica IDEAU-Santa Clara. Getúlio Vargas – RS.



nesta condição de padronização das brincadeiras e dos brinquedos industriais, mostra-se resistente diante do avanço da alienação que compromete a realização da experiência; mesmo em opressão, a criança desenvolve alegorias e busca descobrir no negado, o exercício de brincar e descobrir o mundo.

O EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA BENJAMINIANA

Buscando a origem do termo e seu sentido etimológico, experiência no latim significa *experientia*, conhecimento obtido através de tentativas repetidas. Na filosofia, o termo engloba, para além dessa significação, todo conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos. Em seu verbete no dicionário de filosofia sobre experiência, Ferrater (1994) destaca esta como um fato interno, além disso, experiência relaciona-se diretamente com o que se vê, se sente, ou se toca, sendo considerada mais do que somente o sentido pensado, nessa circunstância, esse conhecimento experiencial é produzido em contato com o mundo real. Orientando-se pela significação presente no *Dicionário de língua portuguesa* (2015) a palavra significa “prática ou efeito de experienciar, conhecimento, habilidade e/ou tentativa”.

Contextualizar experiência torna-se complexo e, ao mesmo tempo, necessário em meio ao contexto contemporâneo. Complexo porque envolve uma série de fatores a serem estudados, deliberados e compreendidos. E necessário, pois é por meio desse entendimento que se consegue compreender novas oportunidades de desenvolver de fato uma experiência, e de entender quando realmente ela acontece. Muitos autores vêm se ocupando com a concepção de experiência e com sua atual situação; pensando, entretanto, no contexto de investigação deste estudo, será utilizado sobretudo a compressão e as contribuições de Benjamin.

Para entender a experiência na ótica do filósofo alemão, faz-se necessário recorrer a seus textos, traçando uma linha histórica e memorável desde seus primeiros escritos sobre o tema. Por volta do ano de 1913, Benjamin elenca a ideia de que a experiência estaria vinculada ao acúmulo de vivências dos adultos. Em seu ensaio, intitulado *Erfahrung*² (“Experiência”) o adulto utilizaria a experiência como uma desculpa que justificasse o seu status de mais experiente, mais vivido, sendo que nessa perspectiva, os jovens encontravam-se em uma

²A experiência (*Erfahrung*) é um dos conceitos centrais do pensamento de Walter Benjamin. O filósofo discute sua teoria sobre a história, a narração, a linguagem, bem como a cultura e a modernidade, ele se refere a uma experiência semelhante a uma sabedoria coletiva de vida, uma continuidade que se dá por meio da narração de geração para geração (BENJAMIN, 1994).

espécie de restrição ao desenvolver uma experiência nova, por conta de uma suposição de que somente os adultos a realizassem. O filósofo alemão denuncia a perda de rigor na experiência formativa dos jovens alemães, descrevendo o perigoso empobrecimento espiritual da juventude da época (BENJAMIN, 1994).

Em 1929, o filósofo lança um olhar retrospectivo sobre seu texto de 1913: a frase “A máscara do adulto chama-se experiência” (BENJAMIN, 2009, p. 21) retrata a posição de indignação do autor, pois, nessa perspectiva, o filósofo difundiu seus estudos frente à necessidade de quebrar o domínio da experiência como uma dimensão realizável apenas pelos adultos. “[...] contudo, desvalorizam, destroem os nossos anos. E, cada vez mais, somos tomados pelo sentimento de que a nossa juventude não passa de uma curta noite; depois vem a grande experiência” (BENJAMIN, 2009, p.22). Neste excerto, o filósofo mostra-se intrigado com a ideia de que a experiência é patrimônio apenas dos velhos homens, não podendo ser realizável pelos jovens.

Ao longo do tempo Benjamin desenvolveu o amadurecimento da ideia em pauta e construiu uma nova argumentação advinda principalmente pela referência dos escritos kantianos, que se tornam para ela objeto de crítica. Benjamin considera que a concepção kantiana de experiência é definida em torno da relação sujeito-objeto. Portanto, em Kant, não há experiência em sentido extenso, como experiência cotidiana, mas experiência como experimento. Nesse viés, Kant atribuía à experiência uma constante relação com a própria ciência e os métodos por ela reconhecidos, não abrindo lugar para cultura, história, religião e o próprio cotidiano.

A escolha de Benjamin pela experiência como *Erfahrung* demanda buscar sua significação, muito embora, o filósofo alemão problematize o processo de tradução, apontando que muitas vezes, as palavras traduzidas de modo isolado, acabam por sofrer riscos no que tange a reprodução verídica e que expresse a origem propriamente pensada. O verbo *farhren*, do alemão, tem como significado dirigir, conduzir, ir e andar (BORTOLINI, 2020, p. 50). A definição não se dá de modo aleatório em Benjamin, muito pelo contrário, o filósofo escolhe experiência como *Erfahrung*, repontando a ideia de viagem, de caminho, de condução, definições estas, que ganham sentido e relação ao longo do percurso deliberativo do autor.

Em Benjamin, o conceito remete ao sujeito que se encontra desprezioso, em distração, caminhando, divagando e viajando, mas que, nesse processo, abre espaço para a sedimentação significativa daquilo que com ele se passa, constituindo assim uma experiência no sentido do *Erfahrung*. Esta compreensão de experiência tem relação com seu ensaio sobre a

obra do profeta Baudelaire, na qual o filósofo chama atenção para figura do *flâneur* que viaja pela cidade, explorando-a. O estudo etimológico demonstra que a experiência (*Erfahrung*) tende a acontecer ao sujeito que se lança ao desconhecido e na distração dialoga com o mundo, o explorando e o conhecendo vagorosamente, e nessa dimensão dispersa constrói experiências que depois de um tempo serão retomadas pela memória.

Benjamin continua a escrever sobre experiência, mais precisamente quinze anos após as reflexões realizadas sobre a ótica kantiana. Agora, porém, a experiência que antes era motivo de otimismo, passa a ser impossibilidade: ele revela em seus escritos uma constante articulação entre a experiência e a pobreza. A modernidade e a noção de *Erfahrung* sofrem grandes destruições, isso porque as possibilidades de narração tornam-se minoritárias: “a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p. 213). O que no passado acontecia de forma natural e comunicável, com a figura do narrador e das grandes histórias, acontecimentos e tradições, passa a dar espaço ao que Benjamin chama de *Erlebnis*³, uma modalidade de vivência, articulada ao modo individual de vida moderno. Pode-se conceber a reflexão de que antes o processo dava-se em sentido coletivo, em conjunção e memórias, sendo que no contexto atual acontece isoladamente e na imediatez.

Para Bortolini, *Erlebnis*, em sua tradução, muitas vezes, é confundida como sinônimo de experiência, entretanto, seu significado distancia-se de tal. *Erlebnis* remete-se a vivência que “significa uma experiência de vida privada e não coletiva como *Erfahrung*” (BORTOLINI, 2020, p. 51). A definição se relaciona ao sujeito da modernidade que se mostra isolado em meio à sociedade e que perde nessa condição a capacidade de narrar as experiências coletivas e consequentemente desprende-se da tradição⁴.

Conforme a concepção de Benjamin sobre a tradição passada de geração para geração, pode-se citar um dos seus escritos que viabilizou a experiência como princípio de uma narrativa. A passagem a seguir favorece tal compreensão:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono,

³ Benjamin nomeia a experiência empobrecida de vivência (*Erlebnis*), vinculando *Erlebnis* à barbárie, mais precisamente a dois tipos de barbárie: uma que impossibilita as experiências de serem transmitidas de uma geração à outra, condenadas a morrerem pelo elo entre as gerações; outra, uma nova barbárie, lugar em que emerge o novo e que não se vincula mais a uma tradição (SILVA, 2014, p. 25).

⁴ O termo *Tradição*, na ótica benjaminiana, ganha enfoque como tudo aquilo que no processo de transmissão intergeracional, se mantém com as mesmas características de sua origem. Nesse sentido, a tradição tem como essência, a ideia de preservar os valores coletivos dos acontecimentos da história e do povo (BORTOLINI, 2020, p. 56).



as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1994, p. 123).

O trecho representa de forma emitente o quanto a experiência do pai favorece um tipo específico de conhecimento que leva quem a ouve criar contextos de entendimento e assim interpretá-los, transformando-os em possíveis experiências também. O excerto coloca dois importantes pontos que se relacionam com a experiência, sendo eles: a memória e a narrativa. Uma vez que a experiência narrada pelo pai se torna uma memória e desencadeia nos filhos o princípio coletivo de continuar com tal experiência.

Na modernidade o diagnóstico torna-se claro quanto se trata de experiência, há um empobrecimento muito relevante ao encontro desta e de suas contribuições à construção formativa humana. Benjamin aponta: “Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1994, p. 119). O filósofo escreve sobre o declínio na construção da experiência quando retrata os silenciosos e desmoralizantes acontecimentos da guerra de trincheiras, explosões destruidoras e corpos mortos nos campos de batalha. O autor ressalta a respeito da exposição e da crueldade sobre o frágil e minúsculo corpo humano, ou seja, o adulto perde seu modo comunicável de experiência quando diminui as suas forças frente às desumanidades enfrentadas, e o mais inquietante é que são advindas dos próprios adultos. Benjamin evidencia nesta perspectiva que: “[...] uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem [sic]” (BENJAMIN, 1994, p.115).

Nesta dimensão, merece destaque a concepção de Benjamin sobre a relação do ocorrido com a contemporaneidade. Em seu texto *Passagens*, o filósofo aponta para essa deliberação: “Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação” (BENJAMIN, 2006, p. 505). Essa constelação trazida por Benjamin permite compreender a pobreza das experiências no cenário contemporâneo, de tal modo que a interpretação do passado possa lançar uma luz frente ao presente.

A pobreza de experiência sob a ótica de Benjamin surge ao lado da decadência da arte de narrar, da capacidade de compartilhar experiências na contemporaneidade e de um esfacelamento das memórias coletivas e da tradição que por muito tempo fez parte da história e da construção da chamada *Erfahrung*.

Esse fenômeno configura o início do declínio da Barbárie? Sim, de fato. Dizemo-lo para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa (BENJAMIN, 1994, p. 125).

A criança aproxima-se do bárbaro (indivíduo contemporâneo, destituído de cultura, de uma base tradicional a lhe orientar os passos) mostrando-se com uma potência incansável de enxergar e explorar o mundo. Em Benjamin, a barbárie positiva supõe pensar este ímpeto bárbaro que caracteriza a infância, isso porque a criança resiste ao enquadramento da sociedade. Esse conceito, novo e positivo, aponta assim para o infante do ser humano como uma categoria permanente que teria ocasião de ser reabilitada na barbárie. O que os adultos têm a aprender com as crianças é justamente a potência de manter-se em processo contínuo de descoberta das coisas, as percebendo sempre por meio de novas maneiras. A pobreza da experiência é restituída na visão benjaminiana do resguardo da infância na vida do sujeito.

Em consonância ao fenômeno de barbárie e declínio da experiência, destaca-se a narrativa. Benjamin estabelece uma reflexão sobre a perda de experiência, sendo esta relacionada à incapacidade humana de narrar que foi se configurando aos poucos, conforme a sociedade foi evoluindo e as transformações foram acontecendo. Pode-se destacar que esta “morte” citada pelo autor, vem a dizer que aos poucos, as experiências comunicáveis foram se extinguindo e se desarticulando.

Percebe-se a partir de tal contexto o quanto a cultura passou a ser pensada de modo descartável na contemporaneidade, isso por conta do capitalismo e do ritmo acelerado desta lógica mercantilista. Nessa circunstância nada se fixa e nisso se encontra um grande problema, pois para uma experiência acontecer ela precisa de uma permanência, de um tempo a ser desfrutado, vivido e descoberto. Benjamin (1994) associa esse fenômeno a cultura de vidro; para ele, assim como o vidro, material duro e liso, onde nada pode se fixar, a cultura contemporânea também perpassa por essa estrutura em que nada pode se firmar. Além de que, o vidro é um material frio e sóbrio o que também faz referência ao modo pelo qual a cultura vem se estruturando, sem possibilidades de construção de experiência.

Bortolini (2020, p. 28) ressalta que a cultura de vidro trazida por Benjamin “consolida uma nova estética que contrasta diretamente com as referências do passado. Ela é marca registrada do capitalismo”. O âmago da concepção de Benjamin atenta para a despersonalização



dos indivíduos⁵ presente na modernidade: as relações humanas tornam-se superficiais justamente por conta dos novos estilos de vida que foram instaurados com o capitalismo, o crescimento das indústrias, do mercado de trabalho e também a grande produção de mercadorias que estimula ao consumismo.

Essa cultura tende a originar nos indivíduos o sentimento de não pertencimento e de isolamento, afastando-se da ideia de coletividade e de tradição que Benjamin destacava. Esse processo de individualização está imbricado à *Erlebnis*, o sujeito moderno distancia-se das relações, da sensibilidade e da possibilidade de construir experiências que possam posteriormente ser lembradas, isso porque, tudo lhe passa com muita imediatez e sem o tempo ocioso necessário para a sedimentação do que ele vivencia.

Em meio a essa linha de pensamento, torna-se notável o quanto a experiência vem sofrendo um declínio por conta também da falta de tempo. Larrosa evidencia que “[...] Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece” (1998, p. 22). Esse trecho permite considerar a situação atual de grande parte das pessoas da sociedade, visto que, as situações cotidianas passam muito depressa impedindo o acontecimento de experiências. Outro aspecto a ser salientado é a ideia de experiência como acontecimento; pensando nessa argumentação, Larrosa (1998) estabelece a significação de experiência como a possibilidade de vivências singulares, e quando pensadas como acontecimento, se vinculam a raridade e a potência da singularidade. No tempo atual, pouco se presencia sobre esse acontecer, devido justamente a impossibilidade de realizar a experiência, sendo que tudo se passa depressa e com uma pontualidade precisa. Larrosa destaca: “Impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio” (LARROSA, 2002, p. 23).

Outro ponto a ser levado em consideração relaciona-se ao imediatismo comum no contexto social e cultural das pessoas na atualidade, o excesso de informações e ocupações trouxe consigo a incapacidade de realizar todas as tarefas planejadas para o dia, e quando realizadas, são feitas de modo rápido e sem o tempo necessário para que, de fato, pudesse ser construída uma experiência. Por essas e tantas outras razões, Benjamin deliberou sobre a crise da experiência no contexto contemporâneo, preocupado com o empobrecimento desta

⁵ Na obra: *Walter Benjamin e a categoria de experiência (Erfahrung)*, Bortolini dedica o item 1.3 (A estética do vidro e a despersonalização dos indivíduos) para a compreensão da cultura de vidro, trazendo para o centro do processo as consequências que tal cultura introduz na vida dos sujeitos.



dimensão, o autor aponta a barbárie que se constrói na vida humana. Mas, mais do que apontar os desvios e a errância, o filósofo deixou em suas entrelinhas, possíveis reflexões para o encontro de novos caminhos.

Central nessa premissa, Benjamin faz referência a infância como uma fase permanente no ser humano, como uma categoria constante, pois esta é uma das possibilidades de favorecer com que a experiência possa ser renovada na existência humana. Essa infância que Benjamin concebe como condição permanente condiciona o acontecimento da experiência, pois o que seria do ser humano sem a exploração desimpedida e criativa que caracteriza a infância? Nenhuma novidade, nenhuma transformação poderia ser realizada. É a capacidade de criar e de inovar que abre espaço para a experiência acontecer, faculdade essa, que a criança possui a arte de realizar e de ressignificar de modo natural e espontâneo, nessa ótica, a seguir, a experiência será entendida como acontecimento na perspectiva da criança.

INFÂNCIA COMO UMA CATEGORIA PERMANENTE NA CONDIÇÃO HUMANA

A infância em Benjamin é considerada como uma categoria permanente, para além do sentido cronológico/fisiológico, a infância permanece nos adultos fazendo referência ao exercício criativo e inventivo. Kramer (1999, p. 249) esclarece que “se o homem [sic] é um ser histórico é só porque existe uma infância do homem [sic]”. E é por isso que o autor reflete constantemente sobre o empobrecimento da dimensão da infância e conseqüentemente da experiência, sendo que para ele esse declínio perpassa não só as crianças, mas toda condição humana. Agamben (2005) também compartilha dessa visão, afirmando que a infância deve ser considerada uma potência que permite a renúncia do previsível e ilumina aquilo que não se revela de imediato, além de que, nessa perspectiva, o indivíduo torna-se produtor de cultura e de significação. Entender a infância como uma categoria permanente é uma das principais contribuições de Benjamin, que, assim, alia a dimensão inventiva e criativa como primordial para o desenvolvimento perdurável do ser humano. Reforçar tal pensamento associa-se à necessidade de entender um pouco mais sobre a infância e sua dupla direção de sentidos na vida humana.

A primeira condição que vem em mente, quando a palavra infância é lembrada, faz referência à fase fisiológica que compõe parte do processo humano da criança e que pelo tempo cronológico encerra-se aos onze anos de idade. As primeiras experiências, as primeiras palavras, os primeiros passos, tudo é novo, do acordar ao dormir sempre há o que aprender,



uma grande evolução que acontece em tão pouco tempo, crescimento, aprendizado, o início da formação psíquica do sujeito, essas são algumas das primeiras impressões quando se pensa na infância sob a ótica cronológica. De fato, a criança nestes doze anos descobre à essência da vida, explora a si e ao mundo, descobre as pessoas, investiga, pergunta, se relaciona com os seus pares e aprende a todo instante.

A segunda condição, ao contrário da anterior, é considerada uma etapa que não se finda, mas que permanece, continua, se constrói e se amplia ao longo de toda a existência humana. Nesse viés, a infância não é um tempo de vida que deixa de existir ou morre nas fases seguintes do desenvolvimento individual, mas é uma condição permanente da vida humana, isso porque, nessa perspectiva, situa-se o exercício de inventividade e da criatividade que permanece em cada sujeito. A infância, assim, é a instância de possibilidade do ser humano de desenvolver a experiência e a criatividade.

A infância que pulsa firme na criança por meio do olhar curioso, das mãos que tudo querem tocar, sentir e explorar, das perguntas que desbravam o mundo, do conhecer, investigar, descobrir e criar, com o passar dos anos acaba se destruindo. É desta perda que Benjamim está falando quando destaca que a infância precisa ser uma categoria permanente nos humanos. Para o autor, a criança colecionadora/caçadora que aos poucos deixa de existir, precisa permanecer no interior do adulto. “Talvez seja isso o que, aos poucos e sem que se perceba, acaba se apacando (ou se corrompendo) com o passar do tempo. O rigoroso olhar índio sugere o nomadismo infantil; a criança é, em si, nômade, pois está sempre em processo” (PINHEIRO, 2018, p.110). A Infância como categoria permanente, significa manter viva a chama do olhar que arde, que investiga, que em tudo busca sentidos, significados, inquietações, que cria e que inventa.

Nessa perspectiva, a magia das coisas e do mundo não é desfeita, pelo contrário, é ativada, ganha sentido, significado e criatividade. O adulto precisa manter em si a intensidade de ver a vida e as coisas, como a criança vê o mundo, o que não significa voltar a ser criança, até porque, entre estas duas dimensões existem movimentos diferentes de experiência humana. O proposto por Benjamin é a possibilidade de considerar a riqueza da infância em criar, para ampliar e construir o pensamento humano e o próprio saber. Nesse sentido, Pinheiro destaca:

Entre a criança que brinca e o adulto que investiga, há diferenças qualitativas, sem dúvida, pois se trata de diferentes momentos e níveis de elaboração em distintos patamares da experiência humana. No entanto, quando me proponho a ver a produção do conhecimento como brincadeira, é no sentido de considerar a riqueza que possui sua dimensão filosófica e formativa para o pensamento humano e o próprio saber,



como sugere Gagnebin (2005). Desse modo, ter a infância como um pressuposto do pensar soa como uma possibilidade interessante, porque díspar, fora de prumo e arriscada para aqueles que, ao abrigá-la, nem por isto estariam menos investidos do necessário rigor acadêmico, mas que, ao deixar-se envolver pelo real, como quem dança ou brinca, buscam dar-lhe sentidos que tentam manter e recriar o seu pulsar sempre inesgotável (PINHEIRO, 2018, p. 113).

Embora Benjamin se refira especificamente à criança, é notável em seus escritos o quanto insere o mundo do adulto como uma necessidade de ressignificar a vida pelo sentido da infância e de suas possibilidades criativas e inventivas. Esse duplo sentido da infância, na ótica do filósofo, faz compreender o adulto como um sujeito que por vezes, no percurso, perde a grande possibilidade de inventar, construir e realizar novos saberes de um modo prazeroso. Aqui se encontra, então, o empobrecimento e o declínio da experiência, pois para realização de tal, é preciso que a infância permaneça no que se refere ao olhar sensível, curioso, inventivo e criativo sobre as coisas e sobre o mundo.

A relação viva entre o brincar, a experiência e a infância permitem conceber a tríade existencial da criatividade humana, tendo em vista que sem o brincar tampouco o ser humano consegue desenvolver o espírito criativo e inventivo. A condição do brincar torna-se assim a condição da experiência e, por isso, retoma-se o título de tal seção: a infância como uma categoria permanente que fundamenta a possibilidade construtiva da experiência e da inventividade humana.

Embora a experiência adulta se diferencie da experiência da criança, Benjamin propõe em seus escritos o resgate da vida humana e da própria experiência por meio das crianças, pois são elas quem manifestam, por meio das ações cotidianas, a renovação do mundo e, por meio da curiosidade profunda e alegre, emanam novos significados para as coisas. São capazes ainda de enxergar nos destroços e detritos do mundo adulto, possibilidades de construção e desconstrução das coisas. O que para o adulto parece não ter nenhuma utilidade, a elas produz mil e uma descobertas. A capacidade primordial da criança é, aqui, a de criar o novo em oposição ao que para muitos é sempre igual. E, nesse processo, instauram novas concepções aos homens e os questionam sobre os pressupostos da modernidade, aditando-lhes caminhos de ressignificação sob a ótica do brincar criativo e libertador.

Essa invenção de um novo mundo pela infância é o cerne para uma nova estrutura social, contrária ao presenteísmo neoliberal que atinge a vida na sociedade contemporânea. A criança é o ponto de ruptura para se pensar neste novo imaginário, é ela quem constrói uma nova e original experiência com as coisas, e nessa reconstrução estabelece a renovação das relações e, conseqüentemente, da sociedade como um todo. Por isso, Benjamin detém-se ao estudo da



criança em sua totalidade, explorando sempre a sensibilidade e a criatividade encontrada nos gestos, nas palavras e nas ações dos pequenos. São estas e tantas outras características que fazem o filósofo despertar para a infância e a experiência presente nesta fase.

O adulto insiste em moldar o mundo nas categorias que foi forjado, em seguir sempre o já estabelecido e em evitar a imprevisibilidade, tendo assim, muito a aprender com a criança. Pois, do contrário, as crianças resistem ao cenário contemporâneo do sujeito moderno automatizado e rompem com o horizonte da previsibilidade, abrindo espaço para a distração e para que o não programado possa acontecer, criando assim, possibilidades de viver a experiência. É ela quem mostra ao adulto a grandeza de ver nas coisas outros sentidos, diferentes dos observados no imediatismo. O olhar alegorista das crianças insiste em dizer aos adultos que tudo pode ser tudo e que é nessa relação que o sentido ganha destaque e amplitude.

Assim, a infância mostra-se como um lugar fecundo a construção de experiências. As crianças querem ouvir o que o mundo tem a dizer e nessa escuta atentar para a possibilidade de criação de novas oportunidades, renovando o velho e ressuscitando o que era visto como morto. Por isso, a proposição da infância como uma categoria permanente no ser humano, a condição de que mesmo na fase adulta, o elo ao olhar incessante da criação seja estabelecido, desenvolvendo constantemente o florescimento da sensibilidade, da imaginação e da estética, características essas, indispensáveis para o resgate da experiência humana.

CONCLUSÃO

A infância mostra-se como um lugar fecundo a construção de experiências. As crianças querem ouvir o que o mundo tem a dizer e nessa escuta atentar para a possibilidade de criação de novas oportunidades, renovando o velho e ressuscitando o que era visto como morto. Por isso, a proposição da infância como uma categoria permanente no ser humano, a condição de que mesmo na fase adulta, o elo ao olhar incessante da criação seja estabelecido, desenvolvendo constantemente o florescimento da sensibilidade, da imaginação e da estética, características essas, indispensáveis para o resgate da experiência humana.

Nessa perspectiva, o empobrecimento das experiências tem chances muito menores de acometer o indivíduo em sua totalidade, visto que em contato com a infância permanente, os indivíduos, desenvolvem uma postura criativa sob as coisas, de modo a vivê-las sempre de distintas formas. A grandeza da vida humana pensada nessa dimensão, distancia-se do declínio e empobrecimento da experiência, e aproxima-se gradativamente do florescimento da



imaginação e da estética sensível de ver a vida. Por isso, a ideia central do pensamento benjaminiano transpassa a infância e faz pensar em uma fase permanente, constitutiva da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. *In*: _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 09-70.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221. (Obras escolhidas, v.1).

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015.

FERRATER, M. J. **Dicionário de Filosofia**. V. 4. São Paulo: Loyola, 1994.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. S. l: S. ed., 2002.

_____. **Pedagogia profana**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

NOLLI, M. **Uma leitura da noção de Experiência (*erfahrung*) em Walter Benjamin**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. **Educação**. São Paulo, v. 40, n. 3, p.813-828, jul. /set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/tCR8MnK9RBZmBvvdYLJ6MPw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PINHEIRO, M. C. M. Infância em Walter Benjamin: descaminho do pensar. **Aprender- Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, v. 12, n. 19, p. 95- 114, jan./jun.2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4495>. Acesso em: 01 set. 2021.